

AFÉ E AS OBRAS: PERSPECTIVAS PARA UMA ESPIRITUALIDADE INTEGRAL

*Benedito Gomes Bezerra**

Resumo

Neste trabalho, embora escrito numa perspectiva ecumênica, reflete-se sobre a espiritualidade principalmente sob o ponto de vista protestante¹, marcado pela reivindicação da coerência entre fé e obras ou contemplação e ação, atitude que pressupõe uma crítica a vivências de espiritualidade pautadas numa dicotomia entre esses polos ou que se orientem por apenas um deles. Partindo de um exame da relação entre as teologias de Tiago e de Paulo no Novo Testamento, discutem-se diferentes paradigmas contemporâneos de espiritualidade e conclui-se defendendo a necessidade de incorporação de uma dimensão utópica e não dicotômica na vivência contemporânea da espiritualidade.

Palavras-chave: *Novo Testamento. Teologia paulina. Contemplação e Ação.*

Abstract

In this paper, although written in an ecumenical perspective, we reflect on spirituality mainly in the Protestant point of view, marked by the claim of coherence between faith and works, or contemplation and action, attitude which presupposes a criticism toward experiences of spirituality that involve a dichotomy between those poles or that are based only on one of them. Starting from an examination of the relationship between the theologies of James and Paul in the New Testament, we discuss different contemporary paradigms of spirituality and conclude defending the need

* Doutor em Linguística. Professor da Universidade de Pernambuco (UPE) e Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). E-mail: beneditobezerra@gmail.com

1. Considerando a complexidade e a heterogeneidade do campo protestante, deve-se dizer que a discussão proposta neste trabalho reflete mais propriamente um ponto de vista batista e se refere a experiências (re)colhidas a partir desse contexto.

for incorporation of a utopian and not dichotomous dimension in contemporary experiences of spirituality.

Keywords: *New Testament. Pauline theology. Contemplation and Action.*

Introdução

A espiritualidade, como marca da condição humana em seu impulso para a transcendência, tem sido historicamente apropriada de diversas maneiras pelas diversas tradições religiosas. Um mapeamento dessas formas de apreensão do conceito ocuparia muitas páginas escritas e demandaria um enorme esforço de síntese para abranger os tempos, lugares, culturas e pessoas envolvidas.

Ainda que nos refram apenas ao cristianismo, mesmo assim encontraremos, ao longo da história, uma variedade de compreensões e vivências concretas da espiritualidade. Entre o místico oriental (o Peregrino Russo) e o missionário protestante batista moderno (o judeu polonês Salomão Ginsburg), entre o frade capuchinho em suas missões (Frei Damião) e o teólogo da libertação (José Comblin) em seu profetismo e compromisso radical com os pobres, o que há de comum em termos de espiritualidade?

Desnecessário e impraticável, nesse espaço, seria traçar um histórico da dicotomia entre fé e ação como vivência da espiritualidade na Igreja. Inegável é que tal dicotomia ainda é sempre uma realidade e um problema para os cristãos. Na tradição protestante, a partir da qual enuncio, parece-me que nem sempre sabemos conciliar o que cremos, e até o que sabemos, com o que fazemos.

Urgente é reconhecer que nosso tempo não está muito interessado em doutrinas e dogmas escolasticamente bem definidos, mas sim em nossa presença relevante como atores sociais. Como atender a essa exigência dirigida à Igreja de nossos dias? Que opções temos? Essa foi uma preocupação central do excepcional teólogo e profeta José Comblin até em seus últimos e inacabados escritos (2012).

Do ponto de vista da tradição protestante², em especial, a espiritualidade é frequentemente pensada em termos do vínculo e da coerência entre contemplação e ação, fé e obras. Não raras vezes essa discussão se faz remontar ao Novo Testamento e a uma alegada tensão entre o apóstolo Paulo e Tiago, ou mais especificamente entre o autor da carta aos Efésios e o autor da epístola de Tiago.

2. Ressalte-se que a tradição protestante a que me refiro aqui dificilmente corresponderia ou incluiria vertentes neopentecostais que a mídia e o senso comum generaliza como a face mais visível dos “evangélicos” ou dos “protestantes” brasileiros. Estou considerando centralmente o que os estudiosos do protestantismo brasileiro chamam de “protestantes históricos” e/ou “evangélicos tradicionais”, mas não excluiria também os pentecostais da “primeira onda” de que falou Ricardo Mariano (1999). Os neopentecostais se orientam por princípios teológicos bastante diferentes quanto à espiritualidade.

1. Paulo e Tiago: perspectivas conflitantes?

Quanto ao pensamento paulino, uma das passagens citadas com frequência se encontra na epístola aos Efésios (2,8-9) e diz o seguinte:

“Pois vocês são salvos pela graça, por meio da fé, e isto não vem de vocês, é dom de Deus; não por obras, para que ninguém se glorie”.

Aqui, portanto, o apóstolo Paulo (ou um seguidor da tradição paulina) afirma o primado da graça e da fé em detrimento das obras como determinantes para a salvação, a fim de que “ninguém se glorie” a esse respeito. Entretanto, não se trata de excluir as boas obras, apesar de que o trecho em questão, muito utilizado por protestantes evangélicos em polêmicas do passado contra católicos ou espíritas, costumava ser citado ignorando a continuação da perícope (Ef 2,10), que segue afirmando:

“Porque somos criação de Deus realizada em Cristo Jesus para fazermos boas obras, as quais Deus preparou antes para nós as praticarmos”.

Portanto, não se trata de dissociar a espiritualidade de uma ética teologicamente motivada. Antes, trata-se de dissociar a ética da soteriologia. As boas obras não precedem nem determinam a salvação, mas resultam dela através da graça e por meio da fé. O autor, claramente, não exclui que Deus “preparou antes” as boas obras para que os crentes as praticassem. Tiago, por seu turno, extremamente preocupado com a ética, ressalta a ação concreta como evidência da fé (Tg 2,14-26).

De que adianta, meus irmãos, alguém dizer que tem fé, se não tem obras? Acaso a fé pode salvá-lo? Se um irmão ou irmã estiver necessitando de roupas e do alimento de cada dia e um de vocês lhe disser: “Vá em paz, aqueça-se e alimente-se até satisfazer-se”, mas sem lhe dar nada, de que adianta isso? Assim também a fé, por si só, se não for acompanhada de obras, está morta. Mas alguém dirá: “Você tem fé; eu tenho obras”. Mostre-me a sua fé sem obras, e eu lhe mostrarei a minha fé pelas obras. Você crê que existe um só Deus? Muito bem! Até mesmo os demônios creem – e tremem! Insensato! Quer certificar-se de que a fé sem obras é inútil? Não foi Abraão, nosso antepassado, justificado por obras, quando ofereceu seu filho Isaac sobre o altar? Você pode ver que tanto a fé como as obras estavam atuando juntas, e a fé foi aperfeiçoada pelas obras. Cumpriu-se assim a Escritura que diz: “Abraão creu em Deus, e isso lhe foi creditado como justiça”, e ele foi chamado amigo de Deus. Vejam que uma pessoa é justificada por obras, e não apenas pela fé. Caso semelhante é o de Raab, a prostituta: não foi ela justificada pelas obras, quando acolheu os espias e os fez sair por outro caminho? Assim como o corpo sem espírito está morto, também a fé sem obras está morta.

Interessante é a interpretação que Tiago e Paulo fazem da fé de Abraão. O fato de que “Abraão creu”, para Tiago, significa: ele se pôs no Caminho, e não apenas “acreditou” no Deus que o chamou, como dá a entender Paulo: “Portanto, que diremos do nosso antepassado Abraão? Se de fato Abraão foi justificado pelas obras, ele tem do que se gloriar, mas não diante de Deus. Que diz a Escritura? ‘Abraão creu em Deus, e isso lhe foi creditado como justiça’”. Para Tiago, o crer de Abraão não se expressa em algum tipo de fé intelectual e muito menos na “iluminação” de seu entendimento, como queria Filon de Alexandria, mas na obediência concreta que o leva a deixar a segurança de sua terra e de seus parentes e se colocar em peregrinação no caminho indicado por Deus, estando pronto a obedecer mesmo quando a orientação de Deus parece contraditória e até cruel, como no episódio do sacrifício de Isaac.

Talvez possamos afirmar, a partir do pensamento dos dois autores, que a espiritualidade de Paulo colocou em primeiro plano a fé baseada na graça de Deus, da qual deveria resultar inevitavelmente uma ética característica dos que seguem o Caminho. Por outro lado, a espiritualidade de Tiago pôs em destaque a ética das boas obras como evidência inelutável da fé. A maneira mais eficaz, talvez a única, de demonstrar o que se crê é exercitar a fé no encontro com os necessitados e no consequente atendimento de suas necessidades. Essa foi a opção de Raab, a prostituta, justificada por acolher os espiões hebreus e não por “crer” no estranho Deus dos escravos fugitivos do Egito.

2. Diferentes paradigmas de espiritualidade

Na maior parte do contexto evangélico brasileiro de matriz pentecostal ou evangelical³ (“tradicional”), a relação fé e ação decorre de uma espiritualidade vinculada a práticas piedosas predominantemente individuais ou coletivas de caráter evangelístico, testemunhal e mesmo assistencial. Nesse paradigma, a fé tem uma importância muito maior que a ação, que muitas vezes é religiosamente esvaziada, reduzindo-se a “obras” sem nenhuma relevância no tecido social mais amplo, por mais providenciais que sejam para atender a necessidades pontuais.

No modelo neopentecostal, verifica-se uma relação entre fé e ação marcadamente diferente da anterior. Uma espiritualidade diferente, o que não significa uma espiritualidade melhor em algum aspecto. Nesse paradigma, a fé se realiza em ações de resposta concreta a pregadores da prosperidade material e da saúde sempre perfeita. Essa resposta, reduzida na maioria dos casos à entrega de ofertas “sacrificiais”, transforma a fé cristã em um empreendimento individualista de busca da felicidade pessoal pelo acúmulo de “bênçãos” materiais. Inspirada no

3. No contexto protestante, “evangelical” é um termo mais restrito que “evangélico” e se aplica ao segmento teologicamente mais conservador, majoritariamente não pentecostal, que resultou principalmente das missões norte-americanas.

modelo capitalista, a espiritualidade neopentecostal determina uma fé e uma ação esvaziadas de qualquer noção de serviço ao próximo ou de intervenção crítica na realidade social. Trata-se de uma nova forma de privatização e mercantilização da fé, resultante de uma espiritualidade individualista voltada para o aqui e o agora. O Reino de Deus não está nos céus nem após a morte, mas nas posses materiais e na saúde individual.

A teologia da libertação latino-americana, por sua vez, oferece uma espiritualidade capaz de proporcionar uma importante aproximação entre fé e ação, bem ao estilo de Tiago. Um grande mérito dessa teologia é destacar que a fé não pode se realizar descolada do engajamento no processo de libertação dos oprimidos, que em suas várias categorias foram chamados de pobres ou até de vítimas, como em Jon Sobrino (2000).

No contexto protestante, evangélico e, especificamente, batista brasileiro, não foi possível aproveitar muito da contribuição da teologia da libertação porque pastores, missionários, professores de seminário e líderes em geral, levados pela paranoia anticomunista que perdurou até o final dos anos 80, em boa parte inculcada pelos missionários norte-americanos, disseram ao povo, incluindo os jovens seminaristas, que a teologia da libertação era apenas marxismo em forma de teologia, apenas uma forma de secularismo.

Sintomaticamente, a editora da Convenção Batista Brasileira, a JUERP, foi responsável pela publicação do pior e mais preconceituoso livro sobre teologia da libertação que tive a oportunidade de conhecer e ler como seminarista, escrito por Daniel Guimarães e publicado em 1984. E foi precisamente o Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil, em Recife, a despeito de sua história brilhante, a escola em que a desastrosa obra foi gerada, no âmbito do curso de mestrado em teologia. Sinal de tempos em que uma espiritualidade defensiva, obscurantista, buscava preservar-se de “perigos” imaginários criados a partir de fora pelos já aludidos missionários e calorosamente acolhidos por mentes preguiçosas e acomodadas demais para pensar com autonomia.

Independentemente de paranoias passadas ou presentes, os desafios postos pela teologia da libertação persistem. Os pobres continuam aí, muitas vezes impedidos até de entrar em nossas asseadas igrejas, razão por que vão buscar as pregações pentecostais e neopentecostais especialmente nas periferias. Muito poderíamos dizer, para nossa vergonha, de igrejas que excluem, que não formam verdadeiras comunidades, igrejas em que os mais pobres não entram porque seus irmãos mais bem-sucedidos se sentiriam ameaçados e, quem sabe, denunciados em sua fé sem ação. Ou em sua fé “cristã” com ação anticristã, numa espiritualidade vazia e caricata. Nesse sentido, ao contrário do que diz a mídia, a teologia da libertação não morreu.

Na discussão entre fé e ação, os evangélicos não foram capazes nem mesmo de entender uma proposta mais limitada como a teologia da missão integral,

cuja espiritualidade corretamente nega a dicotomia entre corpo e alma, material e espiritual ou sagrado e profano. No entanto, tal era a força da espiritualidade evangélica focada apenas na “alma” que seminaristas, até há poucos anos, ainda eram capazes de confundir a teologia da missão integral com a teologia da libertação ou com o ecumenismo, que para a maioria eram uma espécie de bicho-papão.

O fato é que a teologia da missão integral, evangélica e latino-americana, expressa primeiramente no chamado Pacto de Lausanne, de 1974 (portanto, anterior à teologia da libertação), pretendia oferecer uma resposta cristã-evangélica eminentemente bíblica para a relação fé e ação, através do pensamento e das posturas de teólogos como o equatoriano René Padilla, cujos escritos (por exemplo, PADILLA, 1992) e palestras continuam influentes para uma geração de cristãos evangélicos comprometidos com uma espiritualidade holística. Incômodo na missão integral, para aqueles focados em uma espiritualidade apenas do espírito, é simplesmente lembrar que os evangelhos nos apresentam um Jesus de Nazaré preocupado com o ser humano em sua totalidade, homens e mulheres, corpo e espírito (ou seja, lembrar que essa dicotomia é grega, e não cristã), um Jesus de Nazaré comprometido com todos os seres humanos (pobres, mulheres, crianças, marginalizados).

Incomoda, portanto, reconhecer nos textos um Salvador preocupado com pessoas e não com almas, essa aberração teológica criada pela igreja posterior e mantida até pela má tradução bíblica dos textos originais. Incomoda reconhecer que para Jesus o Reino de Deus não é uma abstração chamada “céu”, onde muitos esperam viver uma vida eterna sem a menor graça, “louvando eternamente”. Quer dizer, uma reflexão sobre o sentido mais completo da espiritualidade cristã faz ver que Jesus nunca prometeu uma vida em que a ocupação dos crentes seria “cantar num grande coral celestial”. Nem se considera necessário negar essas projeções sobre o “céu”, mas é urgente ressaltar que o Reino de Deus é muito mais do que isso, e começa aqui. Ou nunca chegará.

3. Perspectivas para a relação fé e ação

1. Superação da dicotomia

A epístola de Tiago já deixa muito claro que a dicotomia entre fé e obras, fé e ação, é artificial. A fé sem ação é vazia; a ação sem fé é mero ativismo, legalismo ou algo assim. Infelizmente, muito se fala da coerência entre fé e ação, mas a vivência cristã mostra quase sempre uma hipertrofia da fé em detrimento da ação. Faz-se necessária uma espiritualidade não dicotomizante, uma espiritualidade integral.

No contexto evangélico brasileiro, as “obras” foram sempre colocadas sob suspeita, diante da ênfase na doutrina paulina da justificação pela graça mediante a fé. As obras têm sido sistematicamente relacionadas com a salvação baseada no

mérito pessoal, entendida como marca específica do catolicismo e do espiritismo e, conseqüentemente, como um erro a ser evitado.

Diante das circunstâncias de enfrentamento em que o protestantismo foi implantado no país, importava e ainda importa diferenciar essas identidades. Assim, de uma forma bastante estereotipada, é como se os protestantes tivessem optado pela fé sem obras, deixando a católicos e espíritas as obras sem a fé. Nada mais simplista ou prejudicial para a própria fé cristã, que optou por dividir em vez de somar.

Hoje temos uma situação um tanto diferente, e até promissora, no que diz respeito à responsabilidade social das igrejas. Levantamentos feitos entre as diversas igrejas, inclusive as batistas, mostram que a maioria delas hoje tem algum tipo de iniciativa na área social. O problema que se nota nessa inserção social das igrejas ainda é a motivação. O relato de um pastor dava conta de um belíssimo projeto na área de saúde, mas cuja motivação parece ter sido o desejo de se livrar dos pobres que incomodavam pedindo auxílio para enterrar seus mortos, vítimas de doenças transmitidas por ratos. Ou seja, por incrível que pareça, o líder em questão promoveu um projeto social para prevenir a morte das pessoas, não por amor cristão a elas, mas para não ser incomodado ao ter que sepultá-las.

Custa ainda a pastores e a igrejas compreender que a missão e a espiritualidade da Igreja incluem tanto a pregação verbal do evangelho que salva a alma como a ação concreta em favor de homens e mulheres, especialmente daqueles que mais sofrem, conforme o exemplo de Jesus. Essa percepção, óbvia pela simples leitura dos evangelhos, nos foi oferecida pelos defensores da teologia da missão integral, que afirmavam no já citado Pacto de Lausanne (1974): “A salvação que afirmamos usufruir deve produzir em nós uma transformação total, em termos de nossas responsabilidades pessoais e sociais. A fé sem obras é morta”.

Como afirmei anteriormente, por incrível que pareça, uma ideia assim é percebida como “teologia da libertação” (e, pois, como “heresia”) por muitas pessoas que, no âmbito protestante e evangélico, leem a Bíblia, mas não a entendem, ou não querem entender.

2. Cultivo da espiritualidade

Após um período histórico em que as coisas do espírito estiveram em baixa, vivemos um claro ressurgimento da espiritualidade. O tema está na ordem do dia até para empresários e executivos, pessoas normalmente avessas a preocupações dessa natureza (BOFF, 2006). A espiritualidade tem sido tema constante dos pensadores na linha da teologia da missão integral. Foi tema de uma das jornadas regionais da Fraternidade Teológica Latino-Americana (FTL). Ao que me consta, não tem sido enfatizada nas programações oficiais dos batistas brasileiros.

Ressalte-se que a espiritualidade não se mede pelas horas passadas em oração nem pelos dias de jejum, embora essas atividades obviamente possam ou até devam ser cultivadas. Na verdade, a espiritualidade nem depende da religião, nem precisa da Igreja para se manifestar. A espiritualidade é anterior e mais abrangente que o compromisso religioso.

Segundo o Dalai-Lama, citado por Boff (2006, p. 15), a espiritualidade não tem a ver primariamente com as doutrinas, rituais ou práticas religiosas, e sim “com aquelas qualidades do espírito humano – tais como o amor e compaixão, paciência e tolerância, capacidade de perdoar, contentamento, noção de responsabilidade, noção de harmonia – que trazem felicidade tanto para a própria pessoa como para os outros”. Qualquer pessoa que cultiva esses valores será uma pessoa espiritual, independentemente de sua confissão religiosa, ou mesmo não tendo confissão alguma. Como sentimos a falta dessa espiritualidade nos espaços da religião organizada!

A espiritualidade também não é essencialmente um atributo individual, mas um conjunto de práticas comunitárias, coletivas, sociais. Uma espiritualidade suprarreligiosa, comunitária, exige do cristão um olhar comprometido com a cidade, que é onde a maioria dos cristãos, sacerdotes ou leigos, vai exercer sua atividade missionária. Claro que o sertão é importante, mas o sertão geográfico está esvaziado, e sua demografia se mede hoje pelas favelas que estão bem perto da casa de qualquer um que reside no Recife ou nas grandes cidades brasileiras. O sertão invadiu a cidade, que já concentrava mais de 84 por cento de toda a população brasileira em 2010 e, conforme o IBGE, acolherá mais de 90 por cento dessa população até 2015-2020, tornando sem sentido a expressão “êxodo rural”.

Nesse olhar para a cidade, alguns têm defendido mais especificamente um compromisso com o Nordeste brasileiro, lugar de riqueza e pobreza, de gritantes contradições, lugar sempre explorado e manipulado. Alguns poucos profetas têm tido esse olhar no meio evangélico. A propósito disso, é possível citar um egresso do Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil, Marcos Monteiro, que publicou um importante e desafiador livro chamado *Um jumentinho na avenida* (2007).

O jumentinho e sua carroça cheia de coisas velhas, completamente anacrônico numa avenida central da grande cidade, conforme Monteiro, é o pastor e seu projeto de igreja que já não responde às questões contemporâneas. É a Igreja e o pastor sofrendo a crise da falta de relevância. O que dizem não interessa às pessoas, porque não procuram se atualizar e enfrentar as questões que realmente afligem a sociedade. Seduzidos e envolvidos por uma mensagem de consequências eternas, são incapazes de falar para o dia de hoje como fizeram os profetas.

Nós, evangélicos, temos muito a aprender sobre o tema da espiritualidade. Que sabemos nós do *peregrino russo*, da *oração de Jesus*, das beguinias e de tantas outras riquezas da espiritualidade oriental, cujas principais obras foram

introduzidas no Brasil por José Comblin numa coleção intitulada “A oração dos pobres” (Editora Paulus)?

Porém, talvez isso já seria pedir demais, pois os evangélicos por vezes não conhecem sequer suas próprias tradições. Martin Luther King Jr., profeta batista, negro, é um grande desconhecido; no máximo se ouve falar de uma caricatura de Walter Rauschenbusch, o defensor de um “evangelho social”. Ambos, exemplos de cristãos batistas que viveram uma espiritualidade prática, concreta, comprometida com os oprimidos.

Uma espiritualidade integral exige uma visão bem definida de todos os seres humanos como seres criados pelo mesmo Deus, a sua imagem e semelhança. Porém nem todas as pessoas têm o privilégio de viver uma vida digna de pessoas que carregam a *imago Dei*.

Mesmo na Igreja de Jesus, onde não há diferença entre “judeus e não judeus, escravos e livres, homens e mulheres”, conforme o apóstolo Paulo (Gl 3,28), a verdade é que a “não aceção” de pessoas sempre foi um sonho, e não uma realidade. Nem todos podem ser pastores, nem todos podem exercer posições de liderança, nem todos têm acesso a boas escolas...

A exemplo de Jesus, uma espiritualidade comprometida com o Reino exige de nós uma atenção especial para os herdeiros do Reino: os pobres, os mansos, os humildes *no Espírito*.

3. Construção da Utopia

Combinar fé e ação numa só via de espiritualidade é buscar o Reino, o que também significa construir o Reino. O Reino coloca os cristãos no terreno das utopias. É nessa dimensão que todos precisamos aprender a viver. Compreender que só tem os pés bem plantados no chão da realidade quem orienta os seus olhos para o *não lugar*, para *um mundo melhor possível*; numa palavra, para a utopia.

A história do povo de Deus não poderia ser entendida sem a presença da utopia. Muito antes de Thomas Morus inventar a Utopia, o povo de Deus já se movia para a Terra de Canaã, sonhada como “terra que mana leite e mel”, como nos conta o livro do Êxodo e toda uma tradição bíblica subsequente. Sabemos que a terra não era tão maravilhosa assim. Percebemos também que o leite e o mel, se existiam, já pertenciam aos habitantes da terra, que teriam que enfrentar ou entrar em aliança com os invasores. Os profetas também falam da utopia, pois sonham com uma terra em que leão e cordeiro pastam tranquilamente, em que crianças não precisam temer serpentes ou animal algum.

Coube a Jesus de Nazaré propor à humanidade a mais grandiosa e fascinante de todas as utopias, que determina a vida dos cristãos até hoje: o Reino de Deus, onde “os mansos herdarão a terra”. Esse Reino, propriedade preferencial,

se não exclusiva, dos pobres animados pelo Espírito (Mt 5,3), todos os dias é desafiado por um mundo dominado pelos maus, pelos poderosos, pelos perversos de toda natureza.

A própria Bíblia se encerra, no Apocalipse, com uma visão da utopia: uma cidade sem políticos, sem chefes, sem igrejas, sem morte, sem lágrimas, sem choro. Uma cidade animada pela presença visível do próprio Deus.

Necessário nos é perceber o Nordeste como terra pródiga em gerar utopias. Às vezes, são utopias ensaiadas de verdade no chão de nossa terra. É o caso de Belo Monte, a utopia plantada nas terras da Bahia pelo cearense Antonio Conselheiro. A utopia de Canudos, esperança de milhares de sofredores nordestinos, foi literalmente transformada em uma indelével mancha de sangue na história da república brasileira.

Numa época de pedidos de perdão por tragédias da história, falta o reconhecimento oficial do país por este crime cometido contra os sertanejos de nossa região. Na tradição dos beatos, outros massacres foram perpetuados contra os pobres pondo fim a pequenas utopias. É o caso de cerca de três mil pessoas assassinadas pelo governo no Caldeirão do Beato Zé Lourenço, um paraibano que também cometeu, a exemplo do Conselheiro, o crime de organizar o povo para uma vida justa, onde todos podiam comer e viver livres da escravidão dos fazendeiros, nas proximidades de Juazeiro do Norte, no Ceará.

A utopia também pode ser concebida puramente como sonho. Exatamente como sonho, surreal ou *non sense* para muitos, esse tipo de utopia se configura como uma poderosa crítica ao real, ao *status quo*. Tal é o caso da Terra ou País de São Saruê. Conheci essa utopia através do filme *O homem que desafiou o diabo* (2007).

No filme, o personagem Ojuara, um nordestino que cansou de ser humilhado, vive numerosas aventuras na busca da felicidade, que para ele se chama a Terra de São Saruê. Para um cearense e nordestino, um rico elemento simbólico nesse país é que, segundo Ojuara, as serras são feitas de rapadura. Para chegar lá, vale até lutar contra o próprio diabo. No País de São Saruê, tudo é perfeito. Pesquisando um pouco, achei esses versos no texto de um bumba meu boi da cidade de Goiana, em Pernambuco:

Terra de São Saruê
Tão boa de se morar
Plantei um pé de jirimum
No recanto de uma ilha
Tanto jirimum verdinho
Tanto que a flô caía
Cinquenta junta de boi
Com jirimum não podia.

Ao que parece, o País de São Saruê, terra boa de morar, terra de fartura, foi originalmente imaginado pelo poeta paraibano Manoel Camilo dos Santos, que nos anos 50 do século passado escreveu um cordel denominado *Viagem a São Saruê*. Liberemos um pouco a imaginação e viajemos com o poeta:

Lá eu vi rios de leite
barreiras de carne assada
lagoas de mel de abelha
atoleiros de coalhada
açudes de vinho do porto
montes de carne guisada.

As pedras em São Saruê
são de queijo e rapadura
as cacimbas são café
já coado e com quentura
de tudo assim per diante
existe grande fartura.

Feijão lá nasce no mato
maduro e já cozinhado
o arroz nasce nas várzeas
já prontinho e despoldado
perú nasce de escova
sem comer vive cevado.

Galinha põe todo o dia
invés de ovos é capão
o trigo invés de sementes
bota cachadas de pão
manteiga lá cai das nuvens
fazendo ruma no chão.

Os peixes lá são tão mansos
com o povo acostumados
saem do mar vem pras casas
são grandes, gordos e cevados
é só pegar e comer
pois todos vivem guisados.

Tudo lá é bom e fácil
não precisa se comprar
não há fome nem doença
o povo vive a gozar
tem tudo e não falta nada
sem precisar trabalhar.

Todos nós sonhamos, e precisamos sonhar, com esse país das montanhas de rapadura. A diferença é que nós chamamos essa utopia de “céu”, o que não foi feito sem prejuízos para nós, porque nos alienou bastante do projeto de Jesus. Devíamos chamar a utopia de Reino de Deus. São Saruê é uma belíssima descrição poética do Reino de Deus (o Reino só pode ser descrito poeticamente).

A tradição cristã identificou a utopia do Reino com o céu, e assim esvaziou muito o Reino. Transportou para o além o sonho de agora. Em vez de montar no cavalo e rumar para São Saruê, muitos cristãos preferiram se assentar em seus templos e esperar um céu que não tem ligação alguma com a vida presente.

Melhor seria retornar à proposta de Jesus e, entusiasmados por seu exemplo, viver, lutar e morrer pela utopia agora mesmo. Fazer pequenas coisas, acreditando que grandes coisas nos estão reservadas. Não haverá um “céu” se não começarmos a construí-lo agora.

A participação dos cristãos no Reino não consiste em *esperar* o Reino, mas em *começar*, ou melhor, *continuar* (séculos de suor e lágrimas nos precederam) o Reino. Quem espera pelo Reino não está pronto para o Reino.

Uma espiritualidade integral, de fé e ação inclui, portanto, a dimensão da utopia. Utopia como componente especial, elemento definidor da própria vida humana, e ainda mais da vida dos cristãos. Utopia como sonho que teima em não acontecer agora, sempre desafiado pela realidade de cada dia. Viver é perseguir a utopia. É ser batizado pela esperança, conforme transborda do poema:

Lá existe tudo quanto é beleza
tudo quanto é bom, belo bonito
parece um lugar santo e bendito
ou um jardim da divina Natureza:
imita muito bem pela grandeza
a terra da antiga promessa
para onde Moisés e Aarão
conduziam o povo de Israel,
onde dizem que corriam leite e mel
e caía manjar do céu no chão.

Tudo lá é festa e harmonia
amor, paz, benquerer, felicidade
descanso, sossego e amizade
prazer, tranquilidade e alegria;
na véspera de eu sair naquele dia
um discurso poético, lá eu fiz,
me deram a mandado de um juiz
um anel de brilhante e de “rubim”
no qual um letreiro diz assim:
– é feliz quem visita este país.

Considerações finais

Uma espiritualidade integral, capaz de unir produtivamente a fé e a ação, exige a conjugação de uma vida sem dicotomias, sem separação entre o eterno e o transitório, entre o corpo e a alma. Exige igualmente o cultivo de uma perspectiva maior, um fundamento invisível para todas as coisas que nos animam a continuar no Caminho, uma espiritualidade que nos faz mais humanos. E exige mergulharmos na dimensão da utopia, numa visita diária, ininterrupta, ao País de São Saruê, de onde possamos retirar forças para o cumprimento cabal de nossas responsabilidades pessoais, sociais ou profissionais como cristãos. Na utopia encontraremos força, pois

Lá tem um rio chamado
o banho da mocidade
onde um velho de cem anos
tomando banho a vontade
quando sai fora parece
ter vinte anos de idade.

Essa é a nossa esperança em um mundo que, mais do que nunca, carece de esperanças, de utopias, de espiritualidades e de vivências da fé que estejam voltadas para o bem do outro, do mais necessitado, e não para o benefício pessoal do próprio indivíduo.

Benedito Gomes Bezerra
Condomínio Residencial Úrsula Moraes
Travessa de Hortas, 05, Bloco D – S. Antônio
55293-300 Garanhuns, PE
beneditobezerra@gmail.com

Referências

- AMBERES, Hadewich de. *Deus, amor e amante*. São Paulo: Paulinas, 1989.
- BOFF, Leonardo. *Espiritualidade: um caminho de transformação*. Rio de Janeiro: Sextante, 2006.
- COMBLIN, José. *O Espírito Santo e a tradição de Jesus*. São Bernardo do Campo: Nhanduti, 2012.
- GAUVAIN, Jean (Ed.). *Relatos de um peregrino russo*. 11. ed. São Paulo: Paulus, 2004.
- GUIMARÃES, Daniel. *Teologia da libertação*. Rio de Janeiro: JUERP, 1984.
- INVOCAÇÃO do nome de Jesus, A. São Paulo: Paulus, 1984.
- MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1999.

MONTEIRO, Marcos. *Um jumentinho na avenida: a missão da Igreja e as cidades*. Viçosa: Ultimato, 2007.

NUVEM do não saber, A. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2002.

O HOMEM que desafiou o diabo. Direção: Moacyr Góes. Roteiro: Moacyr Góes, Bráulio Tavares, Nei Leandro de Castro. Intérpretes: Fernanda Paes Leme; Marcos Palmeira; Flávia Alessandra; Livia Falcão; Leandro Firmino. São Paulo: 2007.

PACTO de Lausanne. Lausanne, Suíça, 1974. Disponível em: <<http://www.lausanne.org/pt-br/recursos-multimedia/pacto-de-lausanne/pacto-de-lausanne>> Acesso em: 31 jan. 2015.

PADILLA, C. René. *Missão integral: ensaios sobre o reino e a Igreja*. São Paulo: FTL-B/Temática, 1992.

SANTOS, Manoel Camilo dos. *Viagem a São Saruê*. Cordel, 1954 [?].

SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo: ensaio a partir das vítimas*. Petrópolis: Vozes, 2000.